

■ PATRIMÔNIO CULTURAL

Imagem de Nossa Senhora do Rosário havia sido furtada em 1996. Comunidade de Pará dos Vilelas, às margens do Rio Pará, também comemora restauração de igreja

Após 26 anos, peça sacra retorna à capela de Itaguara

GUSTAVO WERNECK

Moradores de Itaguara, na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), festejam, nesta terça-feira (29), o retorno da imagem de Nossa Senhora do Rosário, de 1910, à Capela Nossa Senhora da Conceição, na comunidade rural de Pará dos Vilelas, às margens do Rio Pará. “Os sinos vão tocar, haverá missa, às 19h, e muita alegria”, adianta o titular da Paróquia Nossa Senhora das Dores, padre Yuri Lamounier. O sacerdote diz ainda que será apresentada a restauração recém-concluída do templo, com a presença também de uma guarda de congado.

Motivos não faltam para a comunidade de Pará dos Vilelas celebrar, pois trata-se da segunda vez que a imagem foi furtada da capela. Em 16 de fevereiro deste ano, como informou o Estado de Minas, a imagem de Nossa Senhora do Rosário foi apreendida pelo Ministério Público de Minas Gerais (MPMG) em São Paulo (SP). O objeto sacro foi oferecido em anúncio na internet, sendo identificado como pertencente ao acervo religioso de Itaguara e cadastrado como desaparecido no Sistema de Objetos Mineiros Desaparecidos, recupe-

rados e Restituídos (Somdar). Esse aplicativo foi criado pela Coordenadoria de Patrimônio Histórico e Cultural (CPPC), do MPMG, sob coordenação do promotor de Justiça Marcelo Maffra, que estará presente à cerimônia de devolução do bem cultural e espiritual com parte de sua equipe.

Os trabalhos de resgate, em fevereiro, foram conduzidos pela equipe da CPPC em conjunto com o Núcleo de Combate aos Crimes Ambientais (Nucrim), órgão ligado ao Centro de Apoio Operacional de Defesa do Meio Ambiente (Caoma), e a Promotoria de Justiça de Itaguara.

A investigação foi iniciada pelo MPMG a partir de informações encaminhadas pela Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Itaguara, bem como pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), que enviaram fotos da imagem de Nossa Senhora do Rosário e das demais peças contempladas pelo anúncio, relatando que a peça estaria cadastrada no banco de dados de bens desaparecidos.

Na sequência, foi realizado minucioso trabalho de investigação pela equipe técnica da CPPC, que concluiu que uma das peças seria a ima-

gem furtada da Capela do Pará dos Vilelas, em junho de 1996. Esse templo, de 1734, considerado o mais antigo do município, é tombado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (Iepha).

A peça sacra já havia sido furtada em 1980, em conjunto com outras imagens do acervo da capela, mas foi devolvida no ano seguinte. Contudo, em 29 de junho de 1996, a imagem de Nossa Senhora do Rosário foi novamente furtada no mesmo local. Por se tratar de bem de culto coletivo pertencente ao patrimônio cultural da Igreja Católica, o MPMG efetuou a busca e apreensão da obra. No local foram identificadas outras 16 peças sacras, que foram imediatamente vistoriadas pela equipe técnica do MPMG, para verificação da procedência.

Além disso, foram realizados registros fotográficos e descritivos de todos os outros bens que estavam no local, para posterior análise da procedência.

FESTA QUASE COMPLETA Padre Yuri está entusiasmado com o retorno da imagem e com a restauração da Capela de Nossa Senhora da Conceição. “Escolhemos esse dia para a entrega da imagem de Nossa Senhora

do Rosário, pois damos início às celebrações em louvor à padroeira, cujo dia é 8 de dezembro”, afirma.

Para a festa ficar completa, falta encontrar a imagem da padroeira, também furtada duas vezes. “Precisamos encontrá-la. Recebemos de volta a de São Sebastião e agora a de Nossa Senhora do Rosário, mas ainda falta a de Nossa Senhora da Conceição”, destaca o padre, lembrando que, em Itaguara, morou e trabalhou como médico, de 1930 a 1932, o escritor mineiro João Guimarães Rosa (1908-1967). “No livro ‘Sagarana’, um dos contos, ‘Sarapalha’, é ambientado em Pará dos Vilelas”, orgulha-se o pároco vinculado à Diocese de Oliveira.

Imagem de Nossa Senhora do Rosário foi apreendida pelo Ministério Público de Minas Gerais em São Paulo



OBRA DO SÉCULO 18

Santa Luzia festeja volta de painel barroco

Um painel do século 18, joia barroca totalmente restaurada, pode ser visto, por moradores e visitantes, no Santuário Arquidiocesano Santa Luzia, em Santa Luzia, na Região Metropolitana de Belo Horizonte. Na noite de domingo (27/11), na abertura solene do jubileu da padroeira, a peça intitulada “Martírio de Santa Luzia”, com 4 metros de altura e 2,30m de largura, foi apresentada pelo pároco e reitor do santuário, padre Felipe Lemos de Queirós. “Possivelmente, trata-se de uma pintura feita pelo artista do Barroco mineiro, Manuel da Costa Ataíde (1762-1830), o Mestre Ataíde”, informou o padre.

O momento de apresentação do painel, durante a missa, despertou encantamento e curiosidade, pois, no início da celebração, as cortinas do altar-mor estavam fechadas. “Vamos mostrar uma obra artística muito importante, que faz parte do acervo do santuário e ficou cinco anos em restauração. Esteve por muitos anos no Museu Histórico Aurélio Dolabella, e, após restauração, retorna à nossa igreja”, explicou o padre. Nesse momento, o templo ficou na penumbra, com a iluminação dirigida para o altar.

O painel foi restaurado pela especialista Carla Castro Silva, do Atelier de Restauo Ltda, também res-

ponsável pelo serviço em muitas imagens do Santuário Santa Luzia, que deu início, ontem, à Trezena de Santa Luzia – o ponto alto será em 13 de dezembro, com as cerimônias e procissão solene pelas ruas da cidade tricentenária. Padre Felipe informou que a restauração do painel foi custeada por um casal da comunidade, que prefere não ser identificado. “É preciso destacar a ação do padre Danil Marcelo dos Santos (pároco antecessor a ele) e do Memorial da Arquidiocese de Belo Horizonte, coordenado por Goretta Gabrich.”

JOIA BARROCA “O painel é uma joia do Santuário Santa Luzia”, disse a coordenadora do Memorial da Arquidiocese de BH, Goretta Gabrich. “A peça, juntamente com outras da igreja matriz, estava no Museu Municipal Aurélio Dolabella. Quando esse equipamento cultural foi fechado para obras, o então titular da Paróquia Santa Luzia, padre Danil Marcelo dos Santos, trouxe todo o acervo para o santuário. Na época, fez os primeiros contatos para o restauro da pintura.” Após o jubileu, o pároco definirá um novo local para o painel.

Segundo o diagnóstico feito por Carla Castro Silva, a pintura sob tecido se encontrava em mau estado

de conservação, apresentando muitos danos de ordem estrutural e estética. “O suporte possuía muitos rasgos, furos e perdas, principalmente nas bordas e na área central devido à penetração das águas pluviais, impactos mecânicos e a cravos de ferro enferrujados que corroeram as extremidades. O tecido original apresentava-se muito acidificado e amarelecido.” Além disso, havia remendos e enxertos decorrentes de intervenção anterior, bem como “muitos excrementos de aves e de insetos, fungos e sujidades generalizadas”.

MARTÍRIO Com 278 anos de história e localizado em área tombada pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (Iepha) e pela Prefeitura de Santa Luzia, o Santuário Arquidiocesano Santa Luzia é considerado um dos templos barrocos com melhor sistema de segurança de Minas Gerais. Palco de grande acontecimentos da história local, a igreja teve de volta, há 19 anos, três anjos barrocos que iriam a leilão no Rio de Janeiro (RJ).

A cada jubileu, em dezembro, milhares de pessoas visitam a cidade em busca de cura para enfermidades nos olhos, havendo relatos de milagres ocorridos pela intercessão

de Santa Luzia, chamada “Virgem de Siracusa” por ter nascido nessa cidade da Itália, no fim do século III.

Conforme os relatos católicos, Santa Luzia pertencia a uma rica família italiana, que lhe deu ótima formação cristã, a ponto de ter feito um voto de viver a virgindade perpétua. Mas com a morte do pai, Luzia soube que sua mãe queria vê-la casada com um jovem pagão.

Ao pedir um período para analisar o casamento, e tendo a mãe gravemente doente, a jovem Luzia propôs (à mãe) que as duas fossem em romaria ao túmulo da mártir Santa Águeda e que a cura da enfermidade seria um sinal para a união ocorrer ou não. Logo após a chegada das romeiras, teria ocorrido o milagre da cura, e, assim, Luzia voltou para Siracusa com a certeza da vontade de Deus quanto à virgindade e quanto aos sofrimentos pelos quais passaria, a exemplo de Santa Águeda.

Na volta, Luzia vendeu tudo, distribuiu entre os pobres, e foi acusada pelo jovem que a queria como esposa. Não querendo oferecer sacrifício a falsos deuses nem quebrar o seu santo voto, ela teve que enfrentar as autoridades perseguidoras. Conta-se que antes de sua morte teriam arrancado seus olhos.

O prefeito da cidade, Pascásio,

BETO MATEUS/ASSOCIAÇÃO CULTURAL COMUNITÁRIA DE SANTA LUZIA/DIVULGAÇÃO



Na igreja de Santa Luzia, na Grande BH, fiéis aplaudiram a chegada do painel

quis levar à desonra a virgem cristã, mas não houve força humana que a pudesse arrastar. Firme, sobreviveu ao fogo, até ser degolada por uma espada, no ano 303. (GW)

PESQUISA

UFMG busca voluntários para testar antiviral contra COVID-19

ISABELA BERNARDES

A Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) está buscando pessoas para testar medicamentos antivirais no tratamento da COVID-19. Podem participar da pesquisa adultos entre 18 a 50 anos que tenham apresentado sintomas da doença há menos de quatro dias.

As inscrições foram iniciadas no

último dia 24, e os interessados devem ligar ou enviar mensagem para o número (31) 99509-7634. O recrutamento seguirá enquanto durar o pico da COVID-19 e até completar cerca de 200 participantes.

Antivirais já usados no tratamento de diversas doenças serão testados no combate à COVID-19. O projeto é coordenado pelo professor Mauro Teixeira, do Departamento de Bioquímica e Imunolo-

gia do Instituto de Ciências Biológicas (ICB) da UFMG.

O acompanhamento dos pacientes será feito no Centro de Saúde Jardim Montanhês, na Rua Leopoldo Pereira, na Região Noroeste de Belo Horizonte.

A etapa laboratorial é desenvolvida no Centro de Pesquisa e Desenvolvimento de Fármacos e no Laboratório de Biologia Integrativa do ICB, com financiamento da We-

llcome Trust, em colaboração com a Universidade Oxford/Morup Tropical Health.

VACINA Na sexta-feira (25/11) a UFMG deu início aos testes clínicos da primeira vacina brasileira contra COVID-19, que começou a ser testada em humanos. A expectativa é que o imunizante, desenvolvido pelo Centro de Tecnologia de Vacinas (CTVacinas), órgão vincula-

do à universidade mineira, esteja disponível para o público a partir do primeiro semestre de 2024.

Até lá, os testes clínicos seguem em três etapas. As duas primeiras fases, que ocorrem em Belo Horizonte, envolvem 432 voluntários. O cadastro foi aberto no dia 17 de novembro. Em menos de dez dias, mais de mil pessoas se inscreveram para participar.

O primeiro a tomar a vacina, ba-

tizada de SpIn-Tec, foi o estudante João Victor Rodrigues Pessoa Carvalho, de 24 anos, mestrando em microbiologia da UFMG.

Os testes iniciais devem ser concluídos em meados de 2023. Terminadas as primeiras fases, o grupo que desenvolve a SpIn-Tec enviará os relatórios do estudo para a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), que dará aval para a terceira e última etapa. Essa fase deve envolver mais de 4 mil voluntários de várias partes do Brasil. A previsão dos pesquisadores é que a vacina seja aprovada somente em 2024.